

EPISTEMOLOGIA E DIDÁTICA: AS CONCEPÇÕES DE CONHECIMENTO E INTELIGÊNCIA E A PRÁTICA DOCENTE

Nílson José MACHADO, São Paulo, Cortez Editora, 1995. 320 p.

Maria de Fátima Barbosa **ABDALLA***

"Contribuir para a elaboração da concepção de inteligência como um espectro de competências e de conhecimento como uma rede de significados" e "examinar criticamente, a partir dos resultados obtidos, a forma de organização do trabalho escolar, pensando alternativas de articulação entre as concepções e as ações docentes" são os principais objetivos propostos pelo autor deste trabalho.

Para compor suas idéias, MACHADO divide a apresentação de seu livro em duas partes, trazendo uma contínua indagação, remetendo-nos à reflexão sobre as diferentes armadilhas a que estamos expostos quando lidamos com *"concepções de natureza epistemológica e ações de natureza didática"*.

Na Parte I, MACHADO sistematiza suas idéias, revelando o caminho de suas opções até que pudesse escolher a via da *"Epistemologia e Didática"*. Diante dessa perspectiva, múltiplas questões se fizeram presentes, sobressaindo pelo menos duas: *"a caracterização da inteligência"*

* Aluna de Doutorado do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da USP.

como um espectro de competências, e do conhecimento como uma rede de significações" e "a explicitação do papel das metáforas, das alegorias como um recurso pedagógico, especialmente importante no âmbito da concepção do conhecimento como rede" (p.15).

Decorrentes dessas questões, o autor procura estabelecer pontes entre as concepções e as ações docentes, definindo os contornos que estruturam seu trabalho. Contornos que inspiram uma forma diversa de "enredar" o conhecimento, e que pode causar, como nos diz MACHADO, um texto que se estrutura de modo diverso, produzindo uma "sensação de estranhamento, como se permanecesse inacabado" (p. 21).

Contornos que nos fazem vivenciar a "idéia de rede" propagada pelo autor, conduzindo-nos a "uma permanente abertura nas significações, a uma contínua mudança na configuração dos nós e das relações, a um acentrismo - ou a uma coexistência de múltiplos centros de interesse" (p. 21).

Ainda na Parte I, MACHADO anuncia os nove artigos a serem trabalhados na Parte II, revelando que eles podem ser lidos de modo independente, mas que se apoiam mutuamente. Insiste para o fato de que não há conclusões no final do trabalho, além das que foram introduzidas nos artigos. E aponta, também, para alguns "prosseguimentos possíveis", de acordo com as investigações realizadas, sintetizando-os como: 1. "a noção de conhecimento como rede conduz a um redimensionamento no papel das disciplinas" (p. 23); 2. "o aprofundamento no estudo da alegoria com objeto matemático" (p.24); 3. "a articulação entre as idéias de rede e de árvore, entre a não-linearidade, o acentrismo, e as necessidades práticas de hierarquias e procedimentos algorítmicos também parece especialmente fecundo" (p. 24).

A Parte II dá vida às idéias semeadas anteriormente. Os nove artigos componentes "localizam", "vivificam", dão "sentido" ao trabalho empreendido pelo autor.

Em relação à forma, os artigos possuem um resumo das idéias centrais e são acompanhados por palavras-chave que iluminam os diferentes "nós", desamarrando-os e/ou provocando outros, a partir de nossa leitura. Estabelecendo, como quer MACHADO, as possíveis "interconexões".

Quanto ao conteúdo, a perspectiva do autor tem como pano de fundo articular questões epistemológicas mais gerais, apresentando concepções emergentes para a representação do conhecimento e da inteligência, à especificidade das ações docentes, especialmente aquelas que organizam o trabalho escolar, tais como: disciplinas, interdisciplinaridade, currículos, planejamento, ressaltando, de maneira especial, a concepção de avaliação educacional e o papel das tecnologias informáticas conduzindo ou construindo o processo educacional.

Dentro dessa perspectiva é instigante a reflexão a respeito da idéia de conhecimento que se tornou senso comum em nosso tempo: a "construção". Para além da idéia de "construção" (entendendo que "em termos epistemológicos, quase não existem mais não-

construtivistas", p. 31), MACHADO concebe o conhecimento "como uma rede de significados em um espaço de representações, uma teia de relações cuja construção não se inicia na escola, e que se agrega, possivelmente, a uma proto-rede inata" (p. 31). As ressonâncias, os desdobramentos dessa idéia fazem parte do primeiro artigo da Parte II - "Conhecimento e ação docente: considerações sobre o processo cognitivo", mas estão presentes em toda a obra.

Situar a rede como "metáfora, imagem ou paradigma" na concepção do conhecimento, assim como a metáfora como "instrumento fundamental do próprio processo de construção das redes de significado" (p.117), "sugerindo, instaurando ou desenvolvendo significações" (p. 147), é outro momento fundamental de contribuição à prática docente, na medida em que possibilita repensar alternativas para a organização do trabalho escolar. (Vale a pena conferir o artigo intitulado "Conhecimento como rede: a metáfora como paradigma e como processo", p. 117-176).

Ao lado da concepção de conhecimento, apresentando as metáforas e as alegorias como instrumentos básicos para a transferência de um feixe de significados conhecido para outro em construção, trabalha com a concepção de inteligência, analisando-a como um espectro de competências, identificando como ser inteligente aquele que tem "capacidade de mobilizar-se tendo em vista a realização de seus projetos" (p.83). Esta temática vai sendo desenvolvida com muita propriedade, a partir de comentários dos trabalhos realizados por ARBIB (1989), LÉVY (1993) e GARDNER (1993), no artigo "Inteligência múltipla: a língua e a matemática no espectro de competências" (p. 80-116).

Ao mesmo tempo que tece considerações teóricas, fortalecendo os "nós" de sua "rede de significações" (com "pontos/nós e segmentos/conexões", p. 144), vai "capturando o mundo", delineando a importância de "conhecer o conhecer" (p. 170).

Construindo essa imagem, outros assuntos vão sendo examinados. Há momentos em que estabelece uma discussão com questões mais específicas de natureza matemática ou lingüística, como é o caso dos artigos: "Dos Conjuntos às Alegorias: os objetos matemáticos e a representação do conhecimento" (p. 197-212) e "Lingüística e Matemática: das Categorias Gramaticais às Categorias Algébricas" (p. 213-230). E há outros em que introduz artigos mais gerais que possibilitam um encontro com temas que, apesar de tão divulgados, necessitam de uma maior reflexão, para que novos projetos e valores possam ser articulados por nossa sociedade. Dentro dessa perspectiva, podemos citar os artigos que se seguem: "Interdisciplinaridade e Matemática" (p. 177-196); "Informática na escola: significado do computador no processo educacional" (p. 231-257); "Avaliação educacional: das técnicas aos valores" (p. 258-283) e "Educação: crise, avaliação, valores" (p. 284-307).

Nós, leitores, somos *enredados* pelo autor, na medida em que ele vai atravessando os terrenos da *Epistemologia e da Didática*, fazendo-nos repensar questões teóricas e ações docentes, envolvendo-nos em múltiplas relações, compreendendo e construindo o significado de nossa prática.

Ao recomendar a leitura do livro de MACHADO, reconheço-a como contribuição valiosa no avanço da luta pela Educação. *Educação* que valoriza a importância da *prática docente* e privilegia a *Escola*, não só como lugar de *construção* de novas concepções de *conhecimento* e de *inteligência*, mas, fundamentalmente, como terreno capaz de articular *projetos* e semear *valores*, *enredando* caminhos mais conscientes para a nossa sociedade.

(Recebido para publicação em 01.09.95 e
liberado em 20.10.95)